

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

FONSECA , Gláucia Fialho. Gláucia Fialho Fonseca (depoimento, 2017). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 2min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Gláucia Fialho Fonseca
(depoimento, 2017)**

Rio de Janeiro

2022

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): João Marcelo Ehlert Maia;

Levantamento de dados: João Marcelo Ehlert Maia;

Pesquisa e elaboração do roteiro: João Marcelo Ehlert Maia;

Técnico de gravação: João Marcelo Ehlert Maia;

Local: Juiz de Fora - MG - Brasil;

Data: 11/07/2017

Duração: 1h 2min

Arquivo digital - áudio: 3;

Temas: Amazonas; Ciências Sociais; Estatística; Pesquisa científica e tecnológica; Políticas públicas; Segurança pública;

Sumário

Entrevista: 11/07/2017 A licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); a passagem de estudante para profissional; a primeira atividade profissional de Ciências Sociais; o trabalho com a área metodológica e quantitativa; o trabalho na Fundação Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (Fundação CAEd); a especialização em Estatística; o trabalho com pesquisa de opinião; o trabalho para a prefeitura; a abertura de uma empresa própria; a atuação no treinamento de pesquisadores; o projeto “Planejamento Estratégico da Segurança Pública do Estado do Amazonas”; os impactos do ano eleitoral; o trabalho em casa; os projetos vinculados às Universidades; a articulação universidade, cidade e políticas públicas; o trabalho como coordenadora de serviços na universidades da Zona da Mata; os trabalhos acadêmicos; a atuação em pesquisas sobre crises hídricas; o trabalho acadêmico em equipe; os hábitos no tempo livre; conclusões e agradecimentos.

Entrevista: 11/07/2017

João Marcelo Maia – Bom, hoje é dia 11 de julho. Entrevista Gláucia Fialho Fonseca. Obrigada por ter vindo Gláucia. A primeira pergunta é bem básica: onde e quando você estudou, você se formou, em Ciências Sociais?

Gláucia Fialho- Eu estudei aqui na UFJF [Universidade Federal de Juiz de Fora] de 2004 a 2008.

J – Você fez só bacharelado ou você fez licenciatura também?

G – Eu fiz licenciatura.

J – Terminou também nessa altura, em 2008? Ou um pouco depois?

G – Eu, na verdade, mantive o vínculo com o bacharelado, porque na época eu ainda tinha umas bolsas. Aí eu fiquei com o bacharelado por mais dois anos para manter as bolsas que eu tinha.

J – Certo. E quando é que começou essa passagem de você ser uma estudante para você se profissionalizar? Ou você começar a ter uma atividade profissional relacionada a Ciências Sociais? Quando se deu isso?

G – Foi durante a graduação. Na graduação, eu fiz estágio no Centro de Pesquisas Sociais aqui da UF e foi aí que eu comecei a descobrir meu lado socióloga de mercado.

J – Como é que foi isso?

G – Porque no curso eu via que eu não tinha muito perfil acadêmico. Na verdade, eu não tinha nenhum perfil acadêmico. Eu cheguei a pensar, inclusive, a sair do curso. Só que aí eu entrei num projeto, porque na época o Centro de Pesquisas estava fazendo o plano habitacional de Juiz de Fora.

J – Interessante.

G – Aí, eu entrei como bolsista e comecei a me interessar por essa área da metodologia, área mais quantitativa. Aí eu terminei essa pesquisa e depois fui engatando nessa área mais mercadológica. Eu lembro que quando eu estava para formar em 2008, eu peguei uma pesquisa pra... política aqui em Juiz de Fora, era um *tracking*. Eu peguei para fazer todo o acompanhamento. Na época, a Vox Populi terceirizou o trabalho para uma estudante [risos], porque eu era estudante, estava terminando a graduação. Aí foi que eu vi, “realmente é isso que eu quero”. Eu brinco “sou socióloga de mercado”. Na época, também eu via mais praticidade

no que eu trabalhava do que no mundo acadêmico, que não era o meu perfil. Foi aí que eu comecei a ir.... Aí, depois eu fiz uma especialização na Estatística. Fui indo para essa área.

J – Falando ainda dessa sua primeira experiência de bolsista que foi pra fazer a política habitacional, era isso?

G – É.

J – Que tipo de trabalho você fazia enquanto bolsista? Qual era tua atividade prática nesse projeto? Você lembra?

G – Eu participei de várias etapas desse projeto. A primeira etapa foi a etapa mais de ir pra campo mesmo fazer pesquisa.

J – Tipo entrevistar pessoas?

G – É, foi a primeira parte. Aí, indo lá eu comecei... a gente via uma realidade... era uma realidade meio complicada, porque eram lugares que não poderiam ser ocupados. Tinha lugar que tinha tido enchente, a pessoa perdeu tudo. Você via uma realidade de fato que era diferente do que a gente está acostumado. Até então de Juiz de Fora eu conhecia Zona Sul, Centro e universidade. Eu fui vendo uma outra realidade. Aí depois eu participei de uma segunda etapa que foi mais trabalho interno no Centro de Pesquisas, já estava mais na parte mais de análise dos dados, mas isso foi em um segundo momento. Foi mais pra frente.

J – E foram te ensinando a fazer nesse processo? Ou você tinha passado por uma cadeira de metodologia que já tinha te dado régua e compasso?

G – Não, não tem. Eu achava que isso era só em Juiz de Fora, mas não. Na UFJS [Universidade Federal São João del-Rei], você não aprende... não é só aqui. Eu tenho um amigo que passou pra efetivo na UnB. Ele está dando aula de metodologia lá e é super bom, porque, na época do doutorado dele, ele fez um curso nessa área. A dificuldade que ele está tendo é com os alunos que não conseguem absorver o conteúdo. Também ele está dando até regressão de metodologia e aí os alunos que não conseguem acompanhar. Aqui especificamente no curso de Ciências Sociais noções básicas nem foram passadas. Eu aprendi...

J – Era no estágio.

G – É, no estágio que eu comecei aprender e depois eu fui no estágio do CAEd...

J – Isso foi depois do CAEd?

G – Não, foi antes. Eu entrei no CAEd depois.

J – Você ainda era aluna?

G – Eu ainda era aluna, comecei a aprender noções básicas ali no Centro de Pesquisa Sociais, depois eu entrei no CAEd.

J- Eu conheço, o CAEd é super famoso. Qual era a pesquisa no CAEd?

G – No CAEd eu trabalhava num setor que era de avaliação, que gerava os boletins de resultados da avaliação dos estados. Então, a gente de fato gerava os boletins, ia desde a construção do instrumento, questionário que ia para as secretarias, para os estados...e vinham os dados... tinha um setor específico que tabulava os dados. Na verdade, era tudo mecânico já e aí ia para o nosso setor que a gente era responsável por analisar os dados e gerar o relatório. Aí tinha aquela coisa que você fazia uma análise mais elaborada, mas que não pode ser muito elaborada também... [risos]. Aí eu continuei e fui vendo que eu gostava. Quando eu entrei no CAEd, eu vi que de fato era o que eu queria, mas eu não queria focar na área de educação. Foi aí que fiz a especialização em Métodos Estatísticos.

J – Isso você ainda era aluna?

G – Não, eu tinha formado em licenciatura, mas eu mantinha o vínculo.... Na verdade, eu mantive o vínculo por dois anos no bacharelado por causa do CAEd, pra poder ficar no CAEd. Eu estava no CAEd quando comecei a fazer a especialização. Aí sim eu fui ter noção...

J – Mais profunda.

G – É, porque até então, o curso aqui infelizmente...

J – Não te dava esse instrumental.

G – Não. Eu acho que... você vê que aqui não têm muitas pessoas que vão pra essa área. Eu conheço duas pessoas daqui do curso que foram pra essa área e as que foram foi porque entraram no Centro de Pesquisas. O resto ou vai pra área acadêmica, faz Mestrado e Doutorado, ou vai para o Ensino Médio dar aula ou vai para uma área totalmente...

J – Divergente.

G – Divergente ou muda de curso [risos], ou faz um segundo curso.

J – E essa especialização em Estatística era um *Lato sensu* ou era Mestrado?

G – Não, era *Lato sensu*.

J – E foi aqui mesmo na federal?

G – Foi, foi aqui mesmo.

J – E durou um ano?

G – Um ano e três meses que durou.

J – E foi legal pra você? Deu uma base?

G- Foi legal. Na verdade, era puxado, porque era um curso da Estatística voltado mais para o pessoal de Engenharia de Produção. E aí assim, eu queria estudar a área mais quantitativa, mas eu sempre tive um viés social por trás. Já na época eu queria analisar política pública. Na época, estava naquela onda de várias políticas públicas, aí eu queria trabalhar com avaliação de política pública e... o curso às vezes ficava muito naquela descrição de fórmulas e isso pra mim não interessava, porque têm os programas específicos que fazem isso e eu só preciso aprender a mexer no programa. Eu não preciso saber chegar naquela fórmula, mas eu entrei num programa... assim, foi bom, me deu uma base, mas achei puxado. Se eu pudesse escolher na época, eu tinha escolhido fazer em BH.

J – Aquele da UFMG?

G – Da UFMG, que aí é totalmente voltado pra área de Ciências Sociais. É o que eu indico pra quem quer ter uma noção básica de metodologia e pesquisa e quer trabalhar mais com esse perfil de mercado tanto de pesquisa de opinião, de avaliação de políticas públicas, lá dão uma base bem melhor.

J – É possível dizer então que você continuava ligada a Ciências Sociais? Porque de certa maneira você queria estudar políticas públicas...

G – Sim.

J – Sua frustração era com a coisa extremamente acadêmica?

G – Sim, eu queria de fato ser uma socióloga de mercado [risos]. Eu nunca perdi, principalmente, na área política. Eu já peguei campanha, então não era só a questão quantitativa. Quando você vai montar um programa, por exemplo, eu peguei aqui pra vereador, então você está montando uma proposta de governo. Apesar de eu não ter ido para o mundo acadêmico, eu sempre, de certa forma, dialoguei, mais na área política e em projetos mais sociais.

J – E aí depois do curso de Estatística...foi aí que você foi trabalhar com pesquisa de opinião? Como é que foi depois?

G – Foi. Na verdade, eu já tinha trabalhado, mas eu tinha trabalhado mais na parte... assim, eu tinha feito uma parceria com a Vox Populi, eu coordenava o campo, mas até então, eles que geravam os dados. Aí em 2012, eu terminei a especialização acho que foi em 2011, final de 2011 ou fevereiro de 2012, não lembro exatamente. Aí que eu comecei, aí eu abri uma empresa.

J – Ah, você abriu uma empresa sua?

G – Eu abri. Na verdade, antes de abrir a empresa eu fiquei um tempo no Centro de Pesquisas. Aí eu fui contratada pra um projeto que na época era ligado à prefeitura. Não lembro exatamente qual foi, foram tantos projetos desenvolvidos lá. Eu fiquei um tempo no Centro de Pesquisas e, na época, o Centro de Pesquisas tinha uma parceria muito boa com a prefeitura. Esse plano habitacional, por exemplo, foi um projeto que durou muito [prolonga a palavra] tempo, foi um projeto muito grande e depois eles desenvolveram algumas outras ações. Só que aí o diretor do Centro de Pesquisas se aposentou, porque era um cargo.... Ele sabia dialogar, ia nas prefeituras, ia atrás de projetos, fazia projetos em outras cidades. Aí a própria UFJF foi criando barreiras, porque passou... por exemplo, não tinha como pagar pessoas, aí são questões burocráticas. Foi ficando difícil fazer trabalhos desse tipo voltados pra consultoria dentro da universidade. Aí coincidiu, o diretor aposentou e começaram essas questões burocráticas. Foi mudando o perfil. O Centro de Pesquisas foi parando de pegar projetos. Na época, eu recebi uma proposta, isso já foi em 2014, não 2012...em 2012, eu recebi uma solicitação da Vox Populi pra eu pegar um *tracking* aqui em Juiz de Fora.

J – Aí chegava direto pra você como pessoa física, como pesquisadora?

G – É, porque tinha sido um contato. Eles tinham gostado do meu trabalho em 2008 quando eu ainda era estudante. Aí me perguntaram “você tem interesse em pegar? ”, porque aí já era um projeto bem maior, porque eu não peguei só aqui em Juiz de Fora, eu peguei em várias cidades do interior do Rio também. Só que aí eu tinha que montar uma empresa...

J – Pois é, você tinha que montar uma equipe pra trabalhar com você...

G – Aí eu montei a empresa com o filho do ex-diretor do Centro de Pesquisas que tinha aposentado. Então de fato assim foi bom, porque tinha o pai dele que tinha uma experiência boa, também tinha uma rede de contatos, era uma pessoa que eu confiava e foi uma pessoa que me ensinou muito também. Na verdade, era um projeto que bancava todo o custo...eu lembro que na época, sabe aquela coisa assim... você pode abrir sua empresa, você vai ganhar pra abrir, vai manter ela aberta, você não vai gastar um centavo, vai ganhar dinheiro.... Então, era uma coisa assim não tinha como eu não abrir. Dei uma sorte de um projeto cair no meu colo.

J – E como é que foi essa experiência, não apenas de montar uma empresa, mesmo que seja uma coisa mais jurídica tem o registro, CNPJ, mas de coordenar uma equipe? Como é que foi isso? Porque essas coisas não ensinam pra gente, né?

G – É, não, você vai aprendendo na....

J – Como é que foi? Quanto tempo durou? Quantas pessoas trabalharam?

G – Foi uma loucura, porque na época eu ainda trabalhava no Centro de Pesquisas, eu criei a empresa enquanto eu trabalhava no Centro de Pesquisas, mas eu contei muito com o apoio do pai do meu sócio, porque ele, inclusive na época como ele tinha aposentado, ele ficava no escritório... porque aí eu abri um escritório no centro. Ele ficava uma parte do dia lá, porque eu trabalhava no Centro de Pesquisas na época até 3 horas da tarde, aí eu saía daqui e ia direto pra lá. Na verdade, eu passava lá de manhã, ficava das 7 às 8h40. Às 8h40 eu vinha pra universidade, porque eu entrava aqui às 9 e depois voltava. Na época, naquela pesquisa... porque não era só aqui, tinha o estado do Rio... a equipe era entorno de umas 30 pessoas diárias. Era um *tracking*, então era diário. E foi uma eleição que a princípio estava previsto pra 15 dias de teste do *tracking*, só que estava tão conturbada que eles mantiveram. Foram quase dois meses. Isso nem é habitual, porque o *tracking* é muito custoso. Só que era uma pesquisa completamente indefinida e, na época, eles resolveram investir aqui. Era tempo de vacas gordas ainda...[risos].

J – Para o leigo, que atividades na prática você fazia coordenando isso? Você ficava mais gerenciando equipe? Você ficava na frente de um computador analisando informações? O que você fazia?

G – Eu fui percebendo que eu precisava dividir tarefas, porque eu não dava conta de tudo. Aí eu contratei uma pessoa que ficava responsável... porque eram várias etapas: treinamento dos pesquisadores, distribuição de bairros... tinham umas questões na cota que aí isso tudo era eu que via, porque, por exemplo, o estatístico me dava uma cota que podia distribuí-la pelos bairros e eu como conhecia o perfil tinha que fazer isso junto com a estatística, porque também tinha que ter o estatístico do lado pra gente conseguir achar, cumprir a cota de forma que atendesse realidades. Então, essas etapas que envolviam mais conhecimento, aí eu fazia direto com o estatístico da Vox. Aí tinham etapas, por exemplo... na época ainda era questionário de papel, essas questões de entregar material, recolher material, verificar se o pesquisador... aí, eu contratei uma pessoa pra ficar só com isso. Na época, eu lembro que eu tinha umas cinco pessoas que trabalhavam internamente comigo no escritório, porque aí tinha assim o setor de checagem... eu setorizei tudo. O setor de checagem ficava responsável por isso, eu ficava meio que gerenciando todos eles e parte que envolvia questões mais com o estatístico aí era eu que resolvia. Nessa de 2012...

J – Essa era de 2012, era municipal, né?

G – É. Essa de 2012 a Vox que gerava os resultados, eu mandava e eles geravam os resultados. Essa parte eu não tinha..., mas no fundo o que dá mais trabalho é a parte de campo. Imagina você ter 30 pessoas e você tem que estar ali... tinham coisas assim, pesquisador não tem noção às vezes e aí você tem que mostrar pra ele “ah, você não pode...”. Ainda mais pesquisa política, numa eleição que estava conturbada, tem que explicar “se tiver cabo eleitoral, você não pode...”. Essas questões assim... aí, eu às vezes eu saía, eu ia meio que dar uma verificada, eu ia de surpresa pra ver se o povo... eu sou chata com trabalho [risos]. Eu pegava no pé mesmo dos pesquisadores pra eles fazerem direito. Aí essa parte eu que ficava, mas eu distribuí funções pra conseguir, porque aí eu comecei a pegar pesquisas em outras cidades, então não era só Juiz de Fora. Juiz de Fora tinha o *tracking* que era de segunda a segunda que durou quase dois meses, mas aí eu peguei, por exemplo, estado do Rio, aí eu contei...

J – Não era Vox Populi? A Vox Populi te contratou também?

G – Era Vox Populi também para outras cidades, mas nessa época, eu tinha muito contato com pessoas das Ciências Sociais de outras cidades por causa da Anpocs. Eu ia pra Anpocs sempre aí você vai conhecendo pessoas de outras cidades, aí a gente manteve contato e, por exemplo, alguns viraram professores. Aí, por exemplo, em Campo de Goytacazes foi o lugar mais tranquilo que eu fiz pesquisa, porque eu tinha um amigo que tinha virado professor lá. Aí, eu virei pra ele falei: “eu tenho uma pesquisa aí...”. Era muito custoso pra mim enviar pesquisador daqui, então se eu conseguisse de lá era mais tranquilo e, teoricamente, o curso de Ciências Sociais deveria ter essa parte de metodologia que ensinaria o básico e não tem, mas ele tinha essa noção e tinha noção que eu precisava de ter. Aí a gente foi e eu dei todo o treinamento. Lá, antes de começar a pesquisa, você tem que dar aquela noção, porque eles não entendem, se o curso não te oferece uma noção de metodologia, você nem vai entender o que é uma amostra, por que tem que ser aquela amostra, aí você tem que dar uma noção básica. Aí eu fazia isso no curso de Ciências Sociais, ele me ajudava, porque pra ele também era interessante, porque era uma prática dos alunos que não têm esse...

J – Você dava dentro da cadeira dele de metodologia? Como se fosse....

G – Não, não era. Eu usei a universidade lá, a gente não fez dentro, a gente fez numa área, é uma cantina, um espaço que a gente utilizou informalmente...

J – Para os alunos que iam participar?

G – É, que iam participar. Depois foi até legal, porque alguns dos alunos fizeram outros projetos com ele lá depois. Aí foi bom pra mim, porque depois que você explica e tal, eles tinham uma

noção, eles entendiam por que que tem que seguir aquela amostra, porque realmente é chato, você tem que achar pessoa com essa amostra, por quê? Porque precisa pra ser representativo. Mas se você não consegue explicar pra ela o porquê daquilo, às vezes ela não vai te dar, ela acha que não é importante, então... Aí, eles entenderam que aquilo ali era importante e eu tinha ainda a sorte de ter um professor por trás, então se vacilassem comigo, também estavam vacilando com ele [risos]. Eu contei com isso. Eu fui contando com contatos em outros lugares. Eu sempre procurava o curso de Ciências Sociais, porque eu achava que até pra eles terem uma noção do que na prática era uma pesquisa. E aí porque também eu sempre tinha um contato com algum professor que facilitava o meu contato e dificultava o aluno vacilar comigo.

J – Mas nessa altura sua rotina devia ser uma loucura, rotina de trabalho. Você disse que chegava às 7 no Centro de Pesquisas Social e eventualmente você tinha que viajar...

G – Era. Mas isso é uma coisa que assim, quem vai pra... eu estava até conversando hoje isso com uma amiga minha, porque ela foi pra área acadêmica, é professora e ela estava reclamando que é puxado e tal. Aí, eu virei pra ela e falei assim: “Então, vai pra área de mercado e você vai ver”, porque o mercado é muito mais difícil. No fundo assim, não estou falando que a área acadêmica não é, é também, mas assim trabalhar com mercado em determinadas épocas é uma loucura. Por exemplo, período eleitoral você não tem vida, você realmente... e aí também é muito instável, então você não pode negar nada, porque você está num período ali que você consegue ganhar dinheiro... igual, nas épocas de vacas gordas em 2012... em 2014 então com aquela confusão depois que o Campos morreu, o que rolou de dinheiro naquela campanha foi assim, chegava ser até assustador, mas você também não tinha vida. Eu não tinha vida. Eu tive dia de sair do escritório três e pouco da manhã e tinha que estar lá às 7 horas. Teve um dia que o porteiro virou pra mim e falou: “Gláucia, por que você não coloca um colchão e dorme aí? ”. E eu falei: “É, eu acho que é boa essa...” [risos]. Mas assim, é sazonal, são períodos. Você vai passar períodos assim em épocas de eleição, em épocas que você pega um projeto maior... igual teve uma vez que eu peguei um projeto “Planejamento Estratégico da Segurança Pública do Estado do Amazonas”. Foi pesado. Foi uma rotina pesada, mas foi umas três semanas de pesado, o resto foi tranquilo. Então assim... é o tipo de trabalho que além de ser instável, você vai ter períodos estressantes, mas são períodos que passam... que você consegue passar sem surtar se você for acostumado a lidar com aquela loucura.

J – Isso foi em 2012, mas aí você continuou com a firma aberta?

G – Sim, continuei.

J – Mas 2013 foi um ano não eleitoral, pintaram serviços? Como é que foi?

G – Na época... eu continuei com as duas, no Centro de Pesquisas e na minha empresa até 2014. Então, eu fiquei ainda 2013 e 2014. Aí, nesse meio tempo, eu cheguei a pegar algumas pesquisas de mercado, por exemplo, avaliação da Concer [Companhia de Concessão Rodoviária Juiz de Fora-Rio]... algumas pesquisas de mercado, mas eram mais tranquilas e não tinha aquela pressão de data... eram trabalhos que davam para conciliar mais tranquilamente, até porque aí eu conseguia montar o cronograma e conseguia conciliar perfeitamente.

J – Aí você não tinha uma equipe fixa na empresa?

G – Não, era por trabalho, mas é engraçado, porque nessas eu tenho pessoas que trabalham para mim desde 2008.

J – Que estão sempre entrando em novos projetos...

G – Sempre estão entrando... é complicado, eu fico pensando nelas. Têm alguns que eles não têm um emprego fixo, vivem de bicos e trabalham desde 2008 para mim. Mas aí de 2013 a 2014 eu fiquei nessa no Centro de Pesquisas e na minha empresa com trabalhos... aí diminuiu o ritmo e dava tranquilo para conciliar, mas aí 2014 eu não consegui mais conciliar...

J- Aí você largou o Centro?

G - Aí eu larguei o Centro de Pesquisas, mas o projeto pela minha empresa era um projeto grande, era um projeto que ia pegar o estado de Minas e o Rio, então era muita gente. Eu não tinha a menor condição... eu realmente tive que largar o Centro de Pesquisas e fiquei por conta da minha empresa, mas pegando consultorias. Por exemplo, até fevereiro eu estava numa consultoria para Federaminas [Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Estado de Minas Gerais] em um projeto que chama “Empreender” que tem por objetivo formar os núcleos setoriais, fortalecer os núcleos dentro da cidade, eles estipulam quais os núcleos a serem montados. Eu peguei pelo meu CNPJ.

J - Não era da empresa? Quer dizer, era da empresa? Desculpa.

G – Eu uso o CNPJ da empresa, tá certo que eu tinha... eu ia lá na Associação Comercial, eu fazia o serviço na Associação, mas pela empresa. Todos os trabalhos... eu lembro que eu peguei um também para universidade que foi um projeto “Polo SUS”.... que era da.... esqueci o nome do setor da universidade, mas era um projeto de extensão da escola de governo. Aí eu fiz como consultora, sempre pela empresa. De lá para cá fiquei assim.

J – Você leva muito trabalho pra casa? Ou você basicamente trabalha na sua empresa? Fisicamente falando.... Ou trabalha muito remotamente? Como você organiza sua vida?

G - É difícil organizar a vida, eu não organizo [risos]. Como eu falei, em épocas... eu na verdade, com essa crise política, econômica e institucional que o país vem vivendo desde 2015 aí, 2014, 2015 mais efetivamente... em 2016, eu percebi que não ia rolar o dinheiro que rolava nas eleições anteriores e aí eu fechei meu escritório, porque meu escritório era no calçadão, aí eu fechei e peguei um *coworking*, era financeiramente melhor, ficava muito mais barato. Como os trabalhos também são esporádicos, eu vi que valia muito mais a pena eu alugar por hora, por dia, por semana. Aí eu comecei a pegar o *coworking*. Só que aí tinha um problema, porque o *coworking* tem horário, no meu escritório eu ficava de madrugada às vezes sem problema algum, o *coworking* não. Dava 10 horas da noite, eu tinha que entregar. Aí eu fui vendo que tava ficando complicado, porque eu morava sozinha e minha sala virou um escritório. Eu tinha dois quartos e minha sala e meu quarto viraram escritório, e aí você leva... mas eu lembro que teve uma vez... o ano passado eu cheguei a virar várias noites, porque aí você trabalha com prazo... você trabalha com prazo. E aí também épocas eleitorais.

J – Dia tal tem que entregar tal coisa.

G – É. E aí sempre pedem em cima da hora e aí realmente minha vida... fica aquela confusão, porque aí você não tem horário. Ao mesmo tempo que tem a vantagem que você não tem um horário fixo, você tem essa liberdade, tem a desvantagem de do nada, por exemplo, já aconteceu várias vezes de pedirem um orçamento em véspera de feriado e adeus feriado. Você não tem feriado, desmarca, porque você tem que trabalhar e a instabilidade faz você não negar. Apareceu, você pega, porque é instável, principalmente, nesse momento atual. De 2016 pra cá, a situação piorou muito, diminuíram todos os tipos tanto essa área política como na área social. Por exemplo, na área de prestação de consultoria pra elaboração de projetos, prefeituras que têm muitos... não adianta. Eu sei que hoje em dia se eu for fazer isso, a possibilidade de eu levar um golpe...

J – Uma pedalada digamos assim...

G – Na verdade, a prefeitura não tem dinheiro, então não vai te pagar...

J – Ah, entendi.

G - Então você vai trabalhar... eu, hoje em dia, nem estou procurando. Esse ano, por enquanto, nem estou procurando, porque eu sei que as prefeituras estão sem dinheiro para pagar e tá complicado.

J – Você mencionou que fez bastante consultoria para projetos sociais de prefeituras que não é o *tracking* da pesquisa eleitoral etc. Enfim, esse tipo de trabalho, ao final, você produziu o quê?

Um relatório para prefeitura? Ou você já ia de certa maneira aconselhar os gestores a partir dos desenhos que eles tinham: “olha, isso aqui a gente sabe que não funciona...”. Como é a dinâmica do trabalho?

G – É um trabalho complicado, porque a gente fez isso no Centro de Pesquisas. É perceptível pra gente quando a gente vai nas prefeituras que o corpo técnico não tem preparo.

J – Sim.

G – E aí muitas vezes o cargo é indicação política, às vezes o secretário de saúde não tem conhecimento nenhum pra estar ali, mas está. E aí a gente tentava sempre mostrar pra eles assim... tipo uma coisa que a gente tentou aqui e não conseguiu, a gente não conseguiu fazer isso aqui. A gente queria mostrar que deveria existir uma ligação maior entre a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Assistência Social... até porque muitos dos projetos na área de assistência social resolveriam os problemas da área da saúde, só que eles não dialogam. As secretarias não dialogam. É uma coisa que a gente tentou, mas aí já veio a questão da crise.... Desde essa crise econômica foi ficando mais difícil, porque aí na verdade a prefeitura, hoje em dia, não tem nem dinheiro, porque eles têm dados. Seria muito mais vantagem para uma prefeitura me contratar como consultora para eu avaliar e dar uma consultoria nesse sentido “Olha, aqui que você tem que melhorar...” do que... os dados em si. Hoje em dia, você pode trabalhar com muitos dados secundários já e as próprias secretarias têm, porque elas têm que enviar para o Ministério da Saúde pra conseguir verba, só que eles não sabem. Teve uma vez aqui que foi uma coisa muito absurda. A gente estava fazendo um projeto que era “Diagnóstico de População Idosa”, aí na época eu precisava de informações sobre o número de idosos para ver a questão da amostra. Eu fui conversar na Secretaria de Saúde daqui e aí eu perguntei: “Eu precisava da relação do número de idosos, idade deles pra...”. Aí a pessoa que era a responsável por preencher o sistema que era enviado para a Secretaria de Saúde...

J – Disse que não tinha.

G – Disse que não tinha. Eu perguntei pra ela: “Mas você não tem um cadastro dessas pessoas que são atendidas e preenchem a data de nascimento? ”. Ela virou pra mim e disse: “Tem, a data de nascimento tem”. Aí eu ainda repeti: “Então, espera aí, você preenche a data de nascimento, mas você não tem a idade deles? ”. Ela virou pra mim: “Não”. Olha como elas não têm a menor noção. É mecânico. Eles têm as informações, mas eles não conseguem trabalhar as informações que eles têm e é um trabalho que eu queria desenvolver, mas aí com essa.... Eu fui percebendo isso que era um campo muito aberto que podia ser trabalhado já

depois da eleição de 2014 em 2015, quando eu comecei a ficar por conta só da minha empresa, aí eu tinha mais tempo pra pode estar atuando...

J – Ou seja, você está sugerindo que você poderia auxiliar na qualificação técnica.

G – É. E assim, na questão de elas saberem conversar, as secretarias conversarem, porque não tem. Imagina, ela não sabia o que ela tinha de informação ali e ali às vezes são informações necessárias... Na Secretaria de Assistência Social, muitos dos projetos são projetos desde a questão... envolve várias na verdade, porque a Secretaria de Assistência Social também está ligada à Secretaria de Segurança e na questão de drogas, por exemplo, eles poderiam desenvolver trabalhos em conjunto, não tinha. A questão de atenção primária na saúde que poderia estar desenvolvendo projetos na área social também com a família, não têm. As secretarias não têm essa percepção. Aí entra aquela coisa... com essa crise agora, eles não têm nem dinheiro para estar pagando uma consultoria, porque antes eles faziam ainda isso. Antes, por exemplo, você descobria um edital, elaborava o edital e se o projeto fosse aprovado, você ia desenvolver e ganhar por isso. Mas a questão é que, por exemplo, em um esquema desse que você trabalha para prefeitura prestando consultoria recebendo um valor fixo é viável você trabalhar assim, mas no momento atual não dá. É um tipo de trabalho que não está valendo a pena e é uma coisa super interessante. Na área que eu gosto ligaria muito a Ciências Sociais, mas é uma coisa que no momento com essa crise tá complicado.

J – Ainda sobre a sua rotina que eu perguntei onde você trabalhava, casa, escritório.... Você tem às vezes prazos muito doidos e às vezes você também fica sem tanto trabalho. Quando você tem que, por exemplo, produzir um relatório longo, se é que tem que em algum momento produzir, você é daquelas que tem uma rotina pra escrever? “À noite eu sento...” ou é uma coisa vira madrugadas? Você tem um certo ritual quando você tem que ficar com suas coisas e produzir algo?

G – Então, eu brinco que na verdade eu sou uma pessoa que quanto mais eu faço mais... quanto mais coisa eu tenho pra fazer mais eu rendo. Se eu fico... aqueles períodos entre períodos complicados que você tem mais tempo, aí eu tenho uma certa dificuldade pra...

J - ...sentar e fazer as coisas.

G – Sentar e me organizar. Eu trabalho melhor sob pressão.

J – Com prazo ali...

G – Tem prazo ali, eu vou trabalhar e vou cobrir. Aí você vai virar noite.... Agora se eu estou.... Por exemplo, eu estou no momento agora, na verdade eu estou ajudando um amigo. Estou

fazendo a parte quantitativa da tese dele, não tem um prazo definido, aí eu estou assim, às vezes eu pego, aí eu falo: “Ah, vou pegar hoje. Ah, não. Vou pegar amanhã”. Eu não consigo ter aquela coisa de tal a tal hora vou fazer isso. Não consigo não.

J – Quando você está com esse período de maré baixa com poucos projetos, como agora, você faz outras coisas relacionadas à área? Sei lá, procura ler sobre pesquisa de opinião, ver na internet...

G – Sim, é como eu te falei, eu gosto muito dessa área política, então no fundo tanto na área política eu vejo muito... porque, no fundo, eu sempre acabo me envolvendo em alguma coisa até como voluntária, no momento agora eu estou num... chama “Empreendedorismo Social” pra incentivar a questão do empreendedorismo social. É voluntário, não recebo nada por isso, mas assim eu gosto do tema, quero incentivar isso, aí eu acabo participando. Eu saí de um projeto aqui da prefeitura da associação em fevereiro, mas aí tem algumas ações que na época eu comecei a desenvolver que ainda estão acontecendo e que eu participo até hoje por interesse. Igual tem um GDI Mata [Grupo de Trabalho, Desenvolvimento e Inovação na Mata Mineira] que é para o desenvolvimento da Zona da Mata. Aí, tem algumas ações que me interessam muito que eu participo hoje em dia ainda por ter interesse naquilo e por gostar, até porque assim você tem que... acaba que nessa também você arruma contato e também para você não ficar fora totalmente do meio. Isso é engraçado, porque, no fundo, eu sempre estou em algum projeto que tem alguma coisa com a universidade. No fundo, eu penso: “não vou sair da universidade nunca, porque eu sempre estou nos projetos”. Eu sempre, inclusive, tentei trazer a universidade. Por exemplo, esse GDI quando eu vi que ele estava acontecendo, eu fiz de tudo pra associação entrar, porque era vinculado à universidade.

J – Por que você sempre tenta trazer a universidade?

G – Porque eu acho que falta isso aqui...

J – Na universidade? Na formação dos estudantes?

G – Nas duas partes, mas isso é engraçado, porque eu acho que aqui em Juiz de Fora, especificamente, a universidade, ela tem ali conhecimento, mas forma profissionais que não ficam na cidade e a universidade até então não tinha diálogo com a cidade. Ela não conseguia desenvolver ações em conjunto com a cidade. A gente tentou fazer muito no Centro de Pesquisas e, agora, esse GDI Mata, por exemplo, vem pra isso, vem pra utilizar do conhecimento da universidade, das pesquisas que a universidade oferece em prol do desenvolvimento de Juiz de Fora e da Zona da Mata. Projetos desse tipo me interessam. Aí não

é nem assim, porque eu não estou trabalhando, eu não ganho nada por isso, mas são projetos que me interessam enquanto...

J – Nessa articulação universidade, cidade e políticas públicas.

G – É. É uma área que como eu falei eu saí das Ciências Sociais, mas têm determinados temas que me interessam e que eu acompanho.

J – O GDI Mata começou quando?

G – O ano passado, fez um ano agora.

J – É uma iniciativa da prefeitura? Do governo do estado?

G – Não, é uma iniciativa da universidade do Critt [Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia] que o coordenador é o Inácio Delgado, você conhece?

J – Não, acho que não.

G – É o coordenador do Critt daqui da universidade com o secretário de desenvolvimento econômico da prefeitura. Os dois que começaram essa conversa e eles chegaram a esse mesmo consenso que eu falei da universidade... é aquela coisa da universidade fornecer o que ela tem de conhecimento. Os dois lados ganham com isso, até porque fazendo isso, os estudantes que vão estar trabalhando com os professores também vão estar aprendendo na... eu aprendi assim no Centro de Pesquisas, aprendi na prática. E acabou que nessa foram entrando entidades. Hoje, o Sebrae, Embrapa, o IF Sudeste... entraram várias.... Aí eles chamaram as entidades de classe da cidade...

J – E é focado em empreendedorismo social?

G – Não, esse não. Esse é de desenvolvimento da Zona da Mata, eles criaram setores, por exemplo, setor de serviços, turismo, comércio, são cinco setores. Setorizaram isso e aí sempre tem um coordenador que vai estar ligado.... Por exemplo, o de comércio, tem o Fecomércio aqui que é uma entidade de classe que fica como coordenador junto ao Sebrae, junto à universidade e à prefeitura que vão estar ali levantando as demandas da cidade, aí vai identificar assim “ah, qual que é o professor...”. Aí eles criaram uma plataforma na universidade, o Critt criou. É interessante, porque colocaram as produções dos professores, as pesquisas estão indo todas para esse portal. Por exemplo, se tem algum empresário na cidade que quer, vamos supor, produzir leite, um exemplo nada a ver que eu estou dando, mas a Física tem um menino fazendo doutorado que desenvolveu um aparelho para ver a qualidade do leite.

J – Certo.

G – Isso é o tipo de informação que a universidade tem de pesquisa bancada... é dinheiro público que bancou a pesquisa. Elaboraram um equipamento super interessante que pode auxiliar essas pessoas que vão produzir leite. É informação que nem chegava... e agora eles estão tentando aproximar isso. Igual na área de... eles estão incentivando muito aqui a indústria farmoquímica. As faculdades de Farmácia e de Medicina da universidade têm várias pesquisas que não eram utilizadas e agora, nessa aproximação, o setor de farmácia está tentando dialogar... têm alguns produtores da região... pra passar a ser a pesquisadora que vai estar elaborando, por exemplo, uma nova fórmula. Então a gente tem aqui um setor de farmácia super conceituado que a gente pode fornecer isso, você não precisa ir não sei aonde...

J – E você faz o que exatamente no GDI Mata? Qual é tua contribuição?

G – Na época que eu entrei, eu estava trabalhando na associação, aí eu entrei como coordenadora de serviços só que eu acabei saindo do projeto. Como coordenadora de serviços, eu teria que levantar as demandas da área de serviços junto... aí a gente tinha vários setores pra levantar as demandas, apresentá-las ao GDI Mata e aí o GDI via o que eles podiam selecionar e o que não podiam. Na época, eu tinha um amigo meu que trabalha no governo de Minas e é o responsável por um projeto o “fórum permanente das micro e pequenas empresas do estado” [Fórum Permanente Mineiro das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte] e o objetivo deste fórum é identificar demandas das regiões. Aí a gente percebeu que ali tinham várias demandas que aqui em Juiz de Fora não conseguiriam resolver, mas se você envia para o governo de Minas através desse fórum, Fopemimpe, ele vai lá direcionar pra um setor específico. Tá certo que nesse momento de crise demora, às vezes eles falam “Não tem verba”, mas pelo menos está indo, têm algumas ações que eles estão fazendo... Só que aí eu saí, eu não estou mais como.... Hoje em dia, eu participo, por exemplo, semana passada eles vieram, foi comemoração de um ano e eles me convidaram pra participar. Aí eu fui mais pela questão de fazer contato, mas efetivamente eu saí do..., mas enquanto eu estive era para levantar as demandas e propor soluções.

J – Você já fez muita coisa com a universidade e com pessoas que estão na vida acadêmica *Stricto sensu*, em algum momento já te convidaram? Ou já rolou de alguma dessas iniciativas virar um artigo, um livro ou algum produto tipicamente mais acadêmico?

G – Sim. O Planejamento Estratégico de Segurança Pública do Estado do Amazonas...

J – Do Estado do Amazonas?

G – É. A gente pegou pela universidade e o professor tinha a intenção de gerar artigos, porque ele fez o pós-doc dele nos Estados Unidos e aí ele queria voltar para lá pra fazer outro pós-doc. Na época, o trabalho que a gente fez era um comparativo com o trabalho que tinha sido desenvolvido nos Estados Unidos e o produto final para o governo do estado do Amazonas era um relatório pra eles lá. O professor que gerou... isso já era acordado, usou os dados para fazer os artigos pra a universidade nos Estados Unidos que ele tinha intenção.

J – Mas aí você foi coautora?

G – Aí eu entrei como... porque no relatório estava meu nome. Teve alguns assim... têm outros na universidade. Por exemplo, no Centro de Pesquisas a gente gerou um relatório para o Ministério Público das 10 cidades com o menor IDH de Minas que estão todas lá no Vale do Jequitinhonha e norte de Minas. Foi um relatório que acabou virando uma publicação. Não é meu foco, mas se rola “ah, você quer?”, eu não vou perder a oportunidade. Teoricamente, eu não quero ir para a vida acadêmica, mas se essa crise política continuar quem sabe daqui a pouco eu vou mudar de ideia.... O Temer cai ou não cai? Daqui a pouco quem cai sou eu [risos].

J – Gláucia, de todos os aspectos da sua atividade profissional que vão desde consultoria, escrever relatório, gerenciar equipe, quais partes você acha que são mais propriamente de pesquisa? Muita coisa que eu ouvi, pra mim são atividades de pesquisa, mas quais você caracterizaria como isso?

G – Que tipo de pesquisa você está falando?

J – Coleta de dados, análise de dados... não acadêmica *Stricto sensu*. Pesquisa que um cientista social faria.

G – Ah sim, isso eu fiz vários desde coleta de dados... e aí até projetos que foram pra prefeituras, diagnósticos de população idosa, população de rua, são todas pesquisas... as eleitorais que eu fiz várias. Até a pesquisa de mercado que eu fiz... porque aí aquela coisa, você não perde isso, na apresentação dos resultados... quando você vê você já está falando aquilo.... Eu me lembro que na época o cara queria...era uma pesquisa de ...dade¹ mercadológica, era um lava jato que não ia ter entrada na região, eu fui tentando levar ele pra, sabe?... sem utilizar... uma coisa socialmente... aquela coisa de gastar menos água... foi naquela época que estava...

J – ...a crise hídrica.

¹ Não é possível compreender a palavra

G – Crise de água absurda. E aí a gente tentou amenizar, porque não tinha entrada e a gente tentou analisar o próprio perfil do que ele queria de cliente que era diferente. Então, acaba que no fundo, você está analisando mais do que dados especificamente pra ele, você tem um viés sociológico que faz refletir sobre questões que ele nem estava pensando. Igual ele queria montar uma coisa numa região que é uma região difícil pra ter entrada, se ele fosse pra uma outra região que tivesse mais... a própria população que seriam os clientes dele... ele teria que fazer essa análise que ele não tinha. Então, até essas pesquisas de mercado, eu acho que no fundo você consegue ter ali no relatório, no final, na apresentação convencê-lo um pouco de olhar pra... “olha, tem questões que vão além de só...”, porque ele precisava de lucro, mas então tá você quer lucro, mas você tem que analisar o perfil e atender aquele perfil. E pra isso você precisa conhecer a pessoa. Aí aquela coisa que vem do sociólogo de analisar o ser humano [risos]. Mas é óbvio que... nunca que eu utilizei nenhum teórico em nenhuma reunião, mas é uma coisa que você não perde.

J – Você traz na sua formação.

G – Você vai utilizar na prática de uma forma totalmente diferente, você nunca vai utilizar nenhum daqueles autores, mas você lembra daquilo e vai tentando utilizar.

J – Uma coisa também que dá pra perceber, você me corrija se eu estiver errado, é que boa parte dessas atividades de pesquisa são coletivas e envolvem não apenas você, mas outras pessoas. Isso é um diferencial em relação à prática acadêmica que às vezes é muito.... Você diria isso? Que você sempre está produzindo em equipe ou tendo que analisar?

G – Sim, é uma das coisas que eu acredito muito.... Esse projeto, por exemplo, do GDI Mata, eu insisti que a associação entrasse. Eu preferi dar esse apoio, porque é a coisa de mostrar que trabalhar em conjunto vai ter um resultado melhor. No mundo acadêmico isso é um pouco complicado, né? Por “n” motivos. Desde a vaidade que tem entre os professores a outras dificuldades..., mas eu sempre tento.... No fundo, você vai na prefeitura, você está querendo vender alguma consultoria. Aí, você sempre vai perceber que naquela consultoria, quando eu vejo, eu já coloquei a universidade, já coloquei o Sebrae, porque eu acho que são instituições quem têm o que oferecer. E aí você fala: “mas e aí quando você coloca isso, você pode perder?”. Nunca aconteceu comigo de perder cliente, muito pelo contrário, porque como eu conseguia dialogar com eles e eu mantinha uma boa relação com todos, eu conseguia permanecer ali e consegui angariar entidades que tinham o que acrescentar. Hoje em dia, eu sou... do Conselho Jovem Estadual de Empresários de Minas. É uma coisa que eu tento colocar isso, porque o

empresariado é muito conservador e muito fechado. Eu falo: “Gente, a gente tem que entrar em parceria com as universidades...”, porque teoricamente o objetivo do Conselho Jovem Estadual é renovar as associações comerciais que são muito conservadoras. O empresariado aqui de Minas e de Juiz de Fora é totalmente conservador e aí tem aquela coisa que o empresário jovem tem novas demandas, ele tem uma nova visão, também nessa crise tem que estar se renovando pra permanecer. Aí, eu sempre tento colocar isso: “Olha, a gente tem que fazer eventos em conjunto com o Sebrae, chamar a universidade pra fazer esse diálogo que eu acho que é válido e acrescenta”.

J – Já estamos terminando Gláucia. Tem uma última parte que é sobre seus hábitos que eu sempre pergunto. Você trabalha bastante, mas no tempo livre, você lê sobre Ciências Sociais? Internet, blogs, romances.... Você tem algum interesse ainda na área de uma maneira geral?

G – Sim, é como eu falei, muito na área política. Eu leio até mais do que eu deveria [risos].

J – Mas aí é tipo noticiário ou produção acadêmica? Ou as duas coisas?

G – As duas, porque a maioria dos meus amigos são da área acadêmica, aí assim eles produzem um artigo que vai para as revistas online de Ciências Sociais. Eu sempre leio. Eu leio as duas coisas, eu me interessou. Embora eu não tenha nem um pouco o perfil da área acadêmica, eu acabo sempre lendo.

J – E redes sociais? Você curte? Participa? Segue alguém? Facebook...

G – Sim, participo. Eu sigo mais voltado para minha área de consultoria, por exemplo, os ministérios, até pra ver edital que abre, eu sigo todos nesse objetivo de ver o que está rolando... É uma coisa que eu sempre tive que ter cuidado de tentar esconder.... Eu não posso ter viés político, porque eu trabalho...

J – ...fazendo pesquisa.

G – É, então, eu nunca vou poder curtir um candidato específico. Então, essas questões eu tenho um cuidado para não me vincular a nenhum partido, porque eu tenho que trabalhar pra qual partido quiser [risos]. Não, mentira. Na verdade, às vezes eu até... têm uns que eu falo: “Não, não dá”, mas você tem que ter esse cuidado de manter uma certa neutralidade. Eu tenho esse cuidado.

J – E você já foi procurada? Você tem toda uma expertise, você já foi procurada por, sei lá, movimentos sociais, ONGs? Já rolou esse tipo de consultoria?

G – Isso rola. Quando eu saí desse projeto, tinha um pessoal aqui do artesanato que é um setor extremamente... tem demanda, mas não tem gente que apoie. Por exemplo, tem o pessoal da

economia solidária aqui que queria desenvolver algumas ações, mas não tem... eles têm boa vontade, mas não têm capacidade técnica para estar indo... aí, eu fiz algumas pontes pra eles. Por exemplo, na época, eles queriam a carteirinha do artesão que é uma coisa que o governo de Minas oferece que facilita para participar de feiras em outras regiões. Aí, eu fui, entrei contato com o governo de Minas e consegui. O projeto “Empreender” também fazia isso, tinha um núcleo de artesanato. Aí é aquela coisa de mostrar para eles a importância do cooperativismo, porque nesse setor é extremamente importante. Por exemplo, nas feiras, a gente está em crise e produzir sempre o mesmo acaba que a feira vai ficando desinteressante para o público. Então, eu tive que mostrar “olha gente, vocês tem que entender que vocês são um núcleo e vocês não estão aqui como concorrentes, vocês precisam se aprimorar pra na feira mostrarem um produto que faça as pessoas quererem rodar toda a...”, porque eles não têm essa noção do cooperativismo, na verdade, a maioria das pessoas não tem. Isso no Sul do país é bem desenvolvido, aqui não. Essas foram ações legais, foram ações pelo “Empreender”. Quando eu saí, me pediram para continuar, mas entrou outra pessoa no meu lugar, aí de vez em quando eu ainda vou lá. Aí, são esses lugares que, na verdade, não tem apoio nenhum, aí procuram também, porque não tem quem procurar e aí veem que você tem uma boa vontade de tentar... às vezes é uma coisa básica, é só colocar eles em contato... uma feira.... Uma vez, eu só coloquei eles em contato com a Secretaria do Desenvolvimento Econômico, só isso, e aí rolou, eles entraram.

J – Nem foi algo... nenhuma grande consultoria.

G – Coisa básica, aquela coisa de você conhecer a pessoa e ligar. Às vezes a pessoa não tem informação.

J – Uma última pergunta Gláucia que eu faço para todo mundo. Do que você sente falta hoje? O que você gostaria de fazer que talvez não tenha dado por falta de tempo ou de dinheiro? Relacionada à tua vida intelectual, profissional.

G – Hoje, é engraçado, por mais que eu não queira ir para essa área acadêmica, não me interesse, vou te falar que hoje se eu pudesse eu faria um mestrado mais profissional na Fundação João Pinheiro ligado à área de políticas públicas, porque eu tenho essa noção de que faz falta pra mim. Meu atual sócio, ele tem doutorado, está entrando um agora que também tem.... Eu sinto falta disso. Eu sei que às vezes eu deixo de pegar trabalho, por exemplo, eu não consigo tentar uma consultoria para o MDS [Ministério do Desenvolvimento Social]...

J – Eles exigem no edital?

G – Porque eu não tenho título. Por mais que eu não goste da área acadêmica é uma coisa que eu sei que eu preciso...

J – Pra sua área profissional mesmo...

G – Eu preciso fazer isso para continuar na minha área.... Inclusive, eu gostaria de estar fazendo isso esse ano se ano passado tivesse sido bom como os anos anteriores. Por exemplo, em 2014, eu ganhei dinheiro que me manteve até esse ano, mas o ano passado o negócio foi muito ruim, aí eu não consigo parar... se fosse naquela época... eu me arrependo disso, se eu tivesse parado... por exemplo, em 2015, eu poderia ter feito. Eu poderia ter ido para Fundação Getúlio Vargas, poderia ter feito. Na época, eu tinha dinheiro guardado pra me manter. Eu me arrependo disso, se eu pudesse voltar no tempo eu faria. Se essa crise política... acho que o ano que vem vai me permitir isso...

J – Tomara.

G – Porque eu acho que, por mais que eles estejam nessa confusão política, vai rolar dinheiro, porque vai ser uma eleição completamente conturbada e, se eu conseguir juntar um dinheiro, é uma coisa que eu pretendo fazer em 2019 pra seguir na minha área mesmo.

J – Porque no fundo, é a última pergunta mesmo, você se considera uma cientista social. Correto?

G – De mercado? [risos]

J – Não, cientista social.

G – Não sei, eu brinco com socióloga de mercado, eu não me considero uma cientista social. Com aquela concepção... porque no fundo, você tem aquela ligação com a vida acadêmica. O que brinco é que eu sou socióloga de mercado, de mercado. De certa forma, eu me considero socióloga... de mercado.

J – Tá bom.

G – Pronto? [risos]

J – Obrigado, obrigado.

[FIM DO DEPOIMENTO]